



## Guia do Professor

### Episódio

### Piadas

### Programa

### Quem ri seus males espanta

#### Conexão Linguagem

Prezado/a professor/a:

Este guia destina-se a auxiliá-lo/a no trabalho com o programa de rádio “Quem ri seus males espanta” em sua sala de aula. Além deste guia, encontra-se disponível no site educacional o texto “Mas não foi isso o que eu quis dizer”, que deverá ser lido pelos alunos após a audição do material de áudio.

Trabalhar com piadas na escola é um caminho bastante produtivo para o ensino de questões relacionadas ao funcionamento da nossa língua e da nossa sociedade. Com isto queremos dizer que a partir de uma piada, muito frequentemente é possível mostrar para os alunos certos aspectos do funcionamento da língua portuguesa, além de apontar traços ideológicos que estão em circulação em nossa sociedade.

São esses dois “componentes” das piadas - um mais *linguístico* e outro mais *social* - que serão mais detalhadamente explorados neste módulo. O primeiro passo é ouvir o programa por inteiro, juntamente com os alunos, pelo menos uma vez, e depois ler o texto “Mas não foi isso que eu quis dizer”. O contato inicial com esses dois materiais é importante para que os alunos comecem a se familiarizar a ver as piadas como um tipo de texto que pode nos revelar muitas coisas interessantes.

Depois da audição do programa e da leitura do texto, sugerimos alguns pontos do programa de rádio que devem ser ouvidos novamente, a fim de servir como ponto de partida para discussões mais aprofundadas:

Reinicie o programa de rádio, e faça uma pausa depois da piada da tampinha, quando a professora Ana Lisa explica como uma ambiguidade lexical explorada em uma piada pode nos ajudar a refletir sobre como os sentidos das palavras não são tão óbvios como podemos pensar. E que como o fato dessas ambiguidades serem percebidas por



personagens caracterizados como burros (loira e português) nos dão a oportunidade de refletir sobre preconceitos arraigados em nossa sociedade.

Neste momento, peça para os alunos tentarem lembrar uma piada que tenha um problema linguístico semelhante, isto é, uma ambiguidade lexical. Se necessário, explique brevemente o que é uma ambiguidade lexical - mas lembre-se que o objetivo é que a própria piada seja um meio de tornar esse conceito mais claro para os alunos. Caso eles não consigam se lembrar, ofereça a piada abaixo (escreva no quadro negro ou entregue a piada impressa numa folha de papel) e peça para que eles (individualmente ou em grupos, como achar melhor) façam uma análise nos moldes da que a profa. Ana faz:

*Por que a loira fica falando “sala, quarto, cozinha e banheiro” repetidamente?*

?

*Porque o marido dela disse pra ela decorar a casa!*

A análise esperada deve, pelo menos, contemplar os seguintes aspectos: nesta piada, o gatilho - isto é, aquele elemento que dispara a segunda interpretação, que em geral não é a esperada pragmaticamente - é a palavra decorar, que pode significar (i) “memorizar”, “guardar na memória” (uma informação, um texto, um poema) ou (ii) “embelezar”, “enfeitar”, “ornamentar” (um ambiente ou alguma coisa). Só que nesta piada, diferentemente da piada do programa, a ambiguidade lexical não implica um diferente funcionamento sintático: o verbo decorar funciona como transitivo direto sempre: *decorar o poema* e *decorar a casa*. Mas, pragmaticamente - isto é, levando em consideração nosso conhecimento de mundo e de como são as práticas sociais - sabemos que quando se trata de um poema, *decorar* significa *memorizar* e quando se trata de uma casa, *decorar* significa *enfeitar*.

Mas a loira, que nas piadas é sempre estereotipada como burra - assim como os portugueses - não “se dá conta” de que quando falamos em casa, *decorar* só pode significar *enfeitar*. E faz confusão entre as possibilidades de significação da palavra - entendendo que o marido mandou que memorizasse como é a casa, e não que a enfeitasse! É neste momento que você deverá introduzir a discussão em torno dos estereótipos, que são, muito frequentemente, um elemento crucial nas piadas.



Uma piada como essa, que explora um tipo de estereótipo - e existem muitas e muitas assim - é um excelente pretexto para tematizar como representamos grupos sociais. Em geral, muitas crenças e opiniões já cristalizadas entram em cena nesse processo de categorização dos grupos sociais. Os argentinos são arrogantes, as mulheres são mais jeitosas com os serviços do lar, os homens têm o raciocínio matemático mais apurado, as crianças são inocentes e puras, os italianos falam alto e gesticulando... a lista é praticamente interminável. Percebam que essas representações não são necessariamente pejorativas: as generalizações são, segundo muitos estudiosos, necessárias para a formação das identidades sociais. Este processo possibilita que, entre outras coisas, consigamos nos identificar com grupos dos quais fazemos parte: nos definimos como pais, professores, alunos, empresários, ativistas do meio ambiente, etc. Assim, para esses estudiosos, essas representações, que permitem a construção de estereótipos, são um fator imprescindível de coesão social, além de serem bons lugares para observarmos um certo imaginário social a respeito de certos grupos.

Já outros estudiosos apontam o caráter redutor e nocivo dos estereótipos, que nesse processo de categorização, acaba simplificando e generalizando excessivamente. E esse processo resulta, frequentemente, em preconceitos étnicos, raciais, sexuais, etc. Neste caso, os estereótipos estão associados a imagens e crenças que estigmatizam um grupo e os indivíduos que o compõe, e aos julgamentos negativos que resultam dessas imagens socialmente difundidas.

Numa sociedade como a nossa, essas construções - sejam elas mais ou menos negativas (como vimos, a generalização não é, necessariamente, negativa) - passam pela mídia, pela literatura, pelos meios de comunicação em massa (jornais impressos e televisivos, novelas, revistas, etc). Um exercício interessante é verificar como, por exemplo, nossa sociedade representa os índios, as crianças, os jovens, as mulheres, os homens de sucesso, nesses diferentes meios e em diferentes épocas. Peça para seus alunos refletirem sobre isso, observando, por exemplo, quais papéis são tipicamente delegados às mulheres nas propagandas de TV.

Voltando às piadas, o fato é que elas operam não só com estereótipos - em geral, bastante negativos - mas também, e indispensavelmente, com o exagero. Retome a parte do texto “Mas não foi isso...” que trata especificamente de como o exagero funciona nas piadas e qual a sua função. Na piada acima, a burrice da loira é tamanha



que ela entende que o marido mandou que ela memorizasse como é a casa. E mais: mesmo uma tarefa banal como essa (saber “de cor e salteado” quantos e quais cômodos há numa casa), exige que a loira fique repetindo para não errar!

Na piada que finaliza o programa de rádio, a mania de grandeza do argentino é tão exacerbada que ele acredita ser Deus!

Peça para seus alunos listarem algumas piadas cujo foco seja grupos sociais. Guie as discussões de modo que eles consigam identificar se esses grupos estão sendo estereotipados nas piadas selecionadas, se há exagero e se há alguma manifestação preconceituosa em relação ao grupo social “tematizado”. Tenha também em mãos uma lista de piadas de baianos, argentinos, loiras, portugueses, caipiras, mineiros, gaúchos, turcos - de modo que você possa embasar as discussões a respeito deste tema.

Veja que este tópico oferece um gancho para discussões em torno do que é tolerado nas esferas sociais nas quais circulamos. Isto é, quando podemos falar abertamente que “baiano é preguiçoso” ou que “português é burro” ou que “gaúcho é gay”? Ou em que circunstâncias podemos rir de tragédias, de doenças, de “defeitos físicos”?

Retome a parte do programa em que o locutor pede para prof<sup>a</sup>. Ana explicar sobre a relação das piadas com a esfera privada (deste ponto, ouça até o final do programa). Veja que ela explica como há um descompasso entre o que falamos nas esferas privadas - nossas casas, entre amigos, numa mesa de bar - e o que podemos (ou devemos) falar nas esferas públicas - numa palestra, em nossos empregos, num comício, em sala de aula. Cada vez mais somos incentivados a ter atitudes não preconceituosas e a buscar um mundo cada vez menos intolerante. Isso é feito por meio de ações educativas nas escolas, na mídia, nas telenovelas.... e também por meio de leis, que buscam punir quem age de maneira discriminatória em relação aos grupos minoritários.

E as piadas tornam claros e levam para o espaço público discursos que, muitas vezes, não “ousamos” falar “em alto e bom tom”... a não ser na forma de uma piada!

Mas não só de estereótipo, exagero e preconceito vive uma piada: é preciso também uma forma. Como a prof<sup>a</sup>. Ana explica, dizer que loiras e portugueses são burros e que turcos/judeus/árabes são muquiranas não tem graça. A piada diz essas coisas, mas quase



sempre explorando uma técnica específica. Por exemplo, a piada da loira que decora a casa, tem por base a ambiguidade da palavra *decorar*.

Na piada final, em nenhum momento é dito explicitamente que o argentino pensa ser Deus. Só a partir de um conhecimento enciclopédico podemos relacionar a fala do argentino “No começo eu fiz o céu e a terra” com o versículo 1 do livro do Gênesis: “No princípio criou Deus os céus e a terra”.

Vejamos, então, mais um exemplo de atividades e discussões que uma piada pode estimular, levando em conta tudo o que foi discutido pela professora Ana Lisa, o contador de piadas Rolando Derrir e o locutor de rádio.

*Manoel entra no cartório para registrar o nascimento de sua filha e a atendente, muito mal-humorada, pergunta:*

*– Qual o nome?*

*– Arquibancada da Lusa – responde ele, todo orgulhoso.*

*– Olha, no caso, eu não vou poder tá registrando a menina com esse nome, senhor.*

*– Ué! Mas eu tenho um amigo meu que também é fanático por futebol e conseguiu batizar o filho dele como Geraldo Santos!*

Esta piada explora tanto as duas possibilidades de significado da sequência sonora GERALDO SANTOS quanto a idéia amplamente difundida entre nós de que os portugueses são burros. Assim, na piada, a sequência *Geraldo Santos*, que representa um nome próprio, pode ser entendida das seguintes maneiras:

- a. como sendo composta por 2 palavras: dois substantivos próprios, isto é, um nome e um sobrenome, Geraldo + Santos (equivalente a *Marcelo Nogueira*, *Odair Pereira*, *Ana Prado*, etc.);
- b. como sendo composta por 3 palavras: um substantivo feminino comum (*geral*), a contração da preposição *de* com o artigo definido masculino singular *o* (*do*) e o nome próprio do time de futebol *Santos* (*geral + do + Santos*). Neste caso, os equivalentes poderiam ser *Cadeira Cativa do Palmeiras* ou, como a própria piada nos mostra, *Arquibancada da Lusa!*

Assim, essa piada tem como base um problema de segmentação de sequências sonoras, tão presente, aliás, nas escritas iniciais dos alunos (e, muitas vezes, não tão iniciais).





Não é raro encontrar nos textos dos alunos ocorrências como *agente* (para *a gente*), *serumano* (para *ser humano*), *roubalo* (para *roubá-lo*, e estruturas similares, em que não há separação entre verbo e pronome pessoal), *emcima/encima* (para *em cima*), assim como *com migo* (para *comigo*) ou *a paixonou* (para *apaixonou*). Ou seja, os critérios que nos levam a segmentar, na escrita, uma sequência sonora de uma ou de outra forma não é uma questão simples ou óbvia. Especialmente para aqueles que estão em fase de aprendizado. E esta piada explora exatamente esta “distância” que há entre a modalidade falada e a modalidade escrita da língua. Além disso, o “jogo” desta piada com as duas possibilidades de leitura (ou de “escuta”) da sequência *Geraldo Santos* pode nos ajudar a ver que “erros” deste tipo na escrita dos alunos são absolutamente previsíveis e explicáveis (e não aleatórios ou um sintoma de burrice, doença, preguiça).

Mas não é só isso. Percebam que há, também, um deslocamento semântico: saímos do campo dos nomes próprios mais tradicionais para o campo dos times de futebol, ou mais especificamente, para o campo dos tipos de localização da torcida em um estádio (arquibancada, geral, etc.). Para fazer esse deslocamento, há uma quebra de expectativa: quando alguém vem nos contar que batizou o filho com o nome “Geraldo Santos”, dificilmente faremos a segmentação que o português da piada fez, porque, pragmaticamente, ninguém nomeia o filho de “Geral do Santos” (embora circule por aí notícias de nomes como *Amim Amou Amado*, *Janeiro Fevereiro de Março Abril*, *Ipê Roxo*, *Marciano Verdinho das Antenas Longas*, *Rolando Caio da Rocha* ou das irmãs que se chamam *Xerox*, *Autenticada* e *Fotocópia*). Assim, a graça vem exatamente dessa mudança de rumo: quando descobrimos que o português entendeu que seu amigo fanático por futebol deu ao seu filho o nome de “Geral do Santos”, rimos. E falamos em “descobrir” porque, de fato, é necessário que o ouvinte/leitor da piada se dê conta que o português fez essa segmentação das palavras, já que isso não é explicitado. Essa “sacada” do ouvinte só é possível graças também a uma relação entre arquibancada da Lusa e geral do Santos (duas áreas para espectadores em estádios de futebol).

Por fim, chegamos à parte da piada que tem a ver com representações sociais. Como já dissemos acima, pragmaticamente, isto é, levando em consideração nosso conhecimento de mundo, não esperamos que alguém se chame “Geral do Santos”, e por isso, quando ouvimos a sequência *Geraldo Santos*, ela nos parece absolutamente clara, nada ambígua. Mas quem faz a confusão, e percebe a possível ambiguidade da sequência, é um português, figura “tradicionalmente” burra (ao lado das loiras) nas piadas em geral.



português, figura “tradicionalmente” burra (ao lado das loiras) nas piadas em geral. Assim, a piada diz, implicitamente, que só sendo muito burro (como os portugueses!) para fazer essa confusão entre forma (sequência sonora) e sentido (nome próprio tradicional ou localização da torcida).

Resumindo tudo o que discutimos até aqui, neste módulo buscamos explicitar algumas características das piadas que podem ser exploradas em sala de aula:

- elas são um tipo de texto que muito frequentemente explora um mecanismo linguístico, o que as torna um material de grande serventia para discussões em torno do funcionamento da nossa língua;
- além disso, trazem à tona temas que são socialmente controversos, por meio de representações sociais estereotipadas negativamente. Deste modo, as piadas podem ser consideradas veículo de um discurso proibido, não oficial, que circula apenas nas esferas privadas - o que não significa que eles não existam. Ou seja, as piadas trazem para a esfera pública, utilizando técnicas bastante sofisticadas, esses discursos que, ditos de outras formas, são ou tendem a ser censurados.

*Autores:*

*Sírío Possenti (coordenador)  
Marcela Franco Fossey  
Gisele Maria Franchi*